



TRABALHO, DESCANSO E DINHEIRO

UMA ABORDAGEM BÍBLICA



C. TIMÓTEO CARRIKER

TRABALHO, DESCANSO E DINHEIRO

UMA ABORDAGEM BÍBLICA



Editora Ultimato
Viçosa, MG

Copyright © 1997 by C. Timothy Carriker

Projeto Gráfico:
Editora Ultimato

1ª Edição:
*Maio de 2001**

Revisão:
Antônio Carlos W. C. de Azeredo
Bernadete Ribeiro

Capa:
Criação de Sonia Couto sobre "Ponte": escultura de
Roberto Cipollone (Ciro). Usada com permissão

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

Carriker, C. Timóteo, 1952-

C316t Trabalho, descanso e dinheiro; uma abordagem bíblica /
2001 C. Timóteo Carriker. — Viçosa : Ultimato, 2001.
80p.

ISBN 85-86539-42-2

1. Espiritualidade. 2. Vida cristã. 3. Ética. 4. Valores.
I. Título

CDD. 19.ed. 291.4

CDD. 20.ed. 291.4

* Este livro foi publicado pela Editora Ultimato em agosto de
1997, com o título *Espiritualidade: onde, quando e como.*

2001

Publicado com autorização e com todos os direitos reservados

EDITORA ULTIMATO LTDA.

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa - MG

Telefone: (31) 3891-3149 - Fax: (31) 3891-1557

E-mail: ultimato@ultimato.com.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
A CRIAÇÃO	19
O TRABALHO	33
O DESCANSO	51
O DINHEIRO	61

ABREVIACÕES

BLH — A Bíblia na Linguagem de Hoje
NVI — Nova Versão Internacional (Novo
Testamento)

As referências bíblicas não seguidas de
indicação foram retiradas da Edição Revista e
Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil.



INTRODUÇÃO



Certa vez, um especialista na lei judaica, reparando que Jesus lidava bem com as questões teológicas, se dirigiu a Ele e perguntou: "De todos os mandamentos, qual é o mais importante?" (Mc 12.30, NVI; cf. Mt 22.37; Lc 10.27.) Na verdade, esse tipo de pergunta não era nenhuma novidade. Não era raro os bons rabinos resumirem a lei. Era uma tradição bem antiga, começando no próprio Antigo Testamento. O rabino Simlai, que viveu no século 3 depois de Cristo, afirmou que nas Escrituras Hebraicas (o Antigo Testamento) havia um total de 613 leis, sendo 248 positivas e 365 negativas. Os números possuíam significância simbólica para os judeus, e este famoso rabino dizia que as leis positivas representavam o número de

*Voltem para mim
a fim de que
tenham vida.
(Am 5.4, BLH)*

ossos do corpo humano e as leis negativas, o número de dias do ano. Observou que no Salmo 15 todas essas leis foram resumidas em apenas onze características daquele que é digno de morar no templo do Senhor. O profeta Isaías (33.14-16) resumiu ainda mais, reduzindo-as a seis qualidades daquele que verdadeiramente anda com Deus. Tais qualidades são restringidas novamente em Miquéias 6.6-8, desta vez a três. De novo, em Isaías 56.1, são limitadas a duas e, em Amós 5.4, finalmente a uma só: "Buscai-me, e vivei".

Assim, ao responder à pergunta sobre qual mandamento é o mais importante, Jesus mostrou que isso fazia parte de uma grande tradição de profetas, e, por isso, não estava inovando. Sua resposta nada tinha de novidade: primeiro, Ele lembrou a tradicional confissão de fé, adotada tanto pelos judeus quanto pelos muçulmanos, conhecida por aqueles como o *shema*: "Ouve ó Israel, o Senhor nosso Deus, o Senhor é um" (os muçulmanos traduzem: "Alá é um só"). Assim, Jesus estava simplesmente repetindo aquilo que fora registrado já muito antes (Dt 6.4-5; Lv 19.18). O comportamento apropriado das pessoas autenticamente fiéis procede da confissão monoteísta. Isto é, já que existe um só Deus, cabe aos seus servos se dedicar única e absolutamente a Ele. Somente Deus merece nossa devoção, com tudo que somos: nossa paixão, nosso íntimo,

*Amarás o Senhor
teu Deus de todo
o teu coração,
de toda a tua
alma, de todo o
teu entendimento
e de todas as
tuas forças...
Amarás a teu
próximo como a
ti mesmo.
(Mc 12.29-31,
NVI)*

nossa cabeça e todo o nosso esforço. Tudo de nós somente para Ele.

Mas não termina aí. Em decorrência do nosso mais elevado amor para com Deus, amaremos a sua criação e, por excelência, a própria criatura humana. Amaremos, como a nós mesmos, o próximo. E, mais surpreendentemente ainda, Jesus afirma que esses dois mandamentos são na verdade um só mandamento: "Não existe mandamento [singular] maior do que estes [plural]" (destaques meus). Significa que não há amor espiritual genuíno que não se expresse no amor humano encarnado. A Primeira Carta de João deixa isso bem claro (2.9-11; 3.11-24; 4.7-21). Mas, de igual modo, não se pode verdadeiramente amar um ser humano sem uma devoção, de corpo e alma, a Deus, simplesmente porque amar o próximo é também reconhecer a imagem de Deus nele estampada. Logo, não se pode amar profundamente o seu próximo sem um amor e uma devoção genuína a Deus.

Essas palavras de Jesus têm sido a fonte do maior número de reflexões, pregações e estudos relacionados tanto à espiritualidade quanto à caridade cristãs. E por bons motivos. Entretanto, nossa tendência é de pensar que a espiritualidade verdadeira e a caridade certa se expressam em momentos específicos e, às vezes, curtos da nossa vida. Adoramos a Deus de modo concreto em determinadas horas: nos cultos da igreja e

*Ele nos deu este mandamento: Quem ama a Deus, ame também a seu irmão.
(1 Jo 4.21, NVI)*

durante períodos de meditação diários. E expressamos a caridade compassiva quando a necessidade nos confronta, mesmo sabendo que a solução para as necessidades exigem uma resposta maior. Reconhecemos que o engajamento político também é importante (nem sempre agimos de acordo). Mas, neste pequeno livro, quero me referir à nossa devoção a Deus e ao nosso próximo, de outro ângulo. Não tratarei das ocasiões momentâneas e passageiras, mas do modo mais abrangente da nossa vocação como servos e representantes de Deus aqui na terra. Por isso, quero falar da nossa espiritualidade neste mundo. É uma espiritualidade proveniente de Deus, sem dúvida, mas ela não é *ultramundana*. É mesmo uma espiritualidade mundana, não no sentido de pecaminosa, mas no sentido de exercermos uma incumbência dada por Deus aqui *nesse mundo*. É uma disposição de viver de tal modo que possamos contribuir para um mundo melhor.

É importante frisar este ponto. A espiritualidade bíblica não se refere a um estado místico ou a um plano de êxtase. Não é um arrebatamento para um estado de delírio etéreo longe do corpo. Tudo isso pode corresponder a uma noção popular de espiritualidade ou misticismo, mas não é a espiritualidade bíblica. A espiritualidade bíblica não é dicotomizada do corpo e da natureza. Mas é uma vivência com todo o

corpo, o intelecto, as emoções, e a vontade de acordo com a direção do Espírito de Deus. Esse tipo de espiritualidade, a espiritualidade bíblica, se define pela dependência do Espírito de Deus. Mas tal dependência envolve todo o nosso ser: corpo, mente, coração e vontade.

O conceito popular de espiritualidade, aquele que fala de uma sensação desligada do corpo e da mente, tem origens bem antigas no pensamento ocidental. Faço menção de apenas três dessas origens.

Nos primeiros séculos depois de Cristo, a igreja começou a definir a maneira como entendia a humanidade de Jesus e a sua relação com o Deus supremo. Alguns, por exemplo, achavam que Jesus, sendo Deus, não poderia ter sofrido de verdade. Concluía que os sofrimentos e os aspectos humanos de Jesus eram imaginários ou aparentes porque divindade não sofre. Eventualmente, esse pensamento, conhecido como docetismo, foi condenado pela maioria na igreja como uma heresia.

Mais tarde, no século 5, outros também não conseguiam conciliar a humanidade de Jesus com a crença de que Ele era também Filho de Deus e a manifestação do próprio Deus. Eles rejeitavam a idéia de que Jesus possuía duas naturezas, uma divina e outra humana, em favor da fusão das duas, entendendo que Jesus possuía uma única natureza, divina, "vestida" de carne humana.

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai. (Jo 1.1, 14)

Esse pensamento também, conhecido como monofisismo, foi condenado.

Embora antigos, esses dois pensamentos ilustram a grande dificuldade que homens racionais tinham em pensar que coisas espirituais (a própria manifestação de Deus na pessoa de Jesus) podem se expressar de modo natural, isto é, no corpo, na mente, nas emoções e na vontade humanos. Mas a encarnação é exatamente a junção dessas duas dimensões. Quem sabe seria útil se falássemos em "espiritualidade encarnada"?

Depois, no período do iluminismo e do racionalismo, este sob a influência de pensadores como Francis Bacon e René Descartes, começa a nascer uma maneira de enquadrar o mundo que chamamos de "modernismo". Sem dúvida a sociedade ocidental (e depois o mundo inteiro) recebeu grandes benefícios do pensamento moderno, especialmente no desenvolvimento da tecnologia e no valor da democracia. Mas junto com a modernidade veio uma crescente privatização da fé (conhecida como o campo de "valores") por um lado e, ao mesmo tempo, a universalização da ciência (conhecida como o campo de "fatos") por outro. As conseqüências da modernidade e ainda da pós-modernidade incluem o relativismo dos valores, a abolição de verdades "eternas", a valorização da introspecção e do individualismo e a busca jungiana pelo deus subterrâneo dentro de

todos nós. Novamente não conseguimos enxergar espiritualidade na criação "natural" de Deus (que realizou pelo seu Espírito!).

Voltemos à nossa afirmação anterior. A espiritualidade bíblica é uma espiritualidade fundamentada na presença do Espírito de Deus nas nossas vidas. É um relacionamento recíproco com Deus e envolve o corpo, o coração, a mente e todo o nosso esforço. Veja o que diz o apóstolo Paulo (1 Co 2.10-16):

Mas foi a nós que Deus, por meio do Espírito, revelou o seu segredo. O Espírito Santo examina tudo, até mesmo os planos mais profundos e escondidos de Deus.

Quanto ao ser humano, somente o espírito que está nele é que conhece tudo a respeito dele. E, quanto a Deus, somente o seu próprio Espírito conhece tudo a respeito dele.

Não foi o espírito deste mundo que nós recebemos, mas o Espírito mandado por Deus, para que possamos entender tudo o que Deus nos tem dado.

Portanto, quando falamos, nós usamos palavras ensinadas pelo Espírito de Deus e não palavras ensinadas pela sabedoria humana. Assim explicamos as verdades espirituais aos que são espirituais.

Mas quem não tem o Espírito de Deus não pode receber os dons que vêm do Espírito e, de fato, nem mesmo pode entendê-los. Essas verdades são loucura para essa pessoa porque o sentido delas só pode ser entendido de modo espiritual.

A pessoa que tem o Espírito Santo pode julgar o valor de todas as coisas, porém ela mesma não pode ser julgada por ninguém.

Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente. (1 Co 2.12)

Como dizem as Escrituras Sagradas: "Quem pode conhecer a mente do Senhor? Quem é capaz de lhe dar conselhos?" Mas nós pensamos como Cristo pensa.

Nas páginas a seguir, exponho a espiritualidade encarnada nas áreas rotineiras das nossas vidas: o tempo que gastamos no nosso emprego, o nosso lazer, e algo bem material mesmo — o uso do nosso dinheiro. Mas antes disso apresento uma perspectiva bíblica da criação e do papel que Deus desejou e ainda deseja para o ser humano no meio desta criação terrestre. Em consequência disso, quero examinar mais profundamente a vocação do homem como trabalhador. Desejo salientar que o trabalho não é castigo de Deus. É, na verdade, parte de um papel positivo que exercemos em relação ao mundo criado por Deus. Em óbvia relação ao trabalho vem o descanso, e mais adiante veremos o padrão bíblico em relação ao descanso humano. Finalmente, concluo com um estudo sobre o dinheiro, fruto do nosso labor e freqüentemente meio do nosso descanso. Enfatizo especialmente o assunto do dízimo, por ser esse o meio comum pelo qual o tema do dinheiro é abordado na igreja. Talvez devesse ser um capítulo mais abrangente a respeito dos nossos bens materiais em geral e das várias maneiras que podemos usá-los para a glória de Deus. Entretanto, o assunto mais específico do dízimo e as contribuições financeiras

entregues na igreja causa tanta confusão, que merece um estudo separado. Muito mais poderia ser escrito sobre este assunto. Não pretendo, de modo algum, abordá-lo exaustivamente. Em vez disso, desejo que este livro sirva apenas de introdução a uma reflexão mais aprofundada sobre a maravilhosa vocação que Deus deu aos seres humanos como seus mordomos e embaixadores aqui na terra.